



**Universidade
Anhembi Morumbi**

LAUREATE INTERNATIONAL UNIVERSITIES

Bruno Serafini - 21099630 / 125111360684

Daniela Gusmão -21312118 / 125111353175

Gabriela Mattos - 21058198 / 125111349895

Mariana Perez - 21243574 / 125111372051

Randra Cabral - 21095649 / 125111348827

O IMPACTO ECONÔMICO E POLÍTICO DA PANDEMIA DE COVID-19 NA CADEIA GLOBAL DE VALOR: UMA ANÁLISE SOBRE A CHINA

São Paulo

2022

O IMPACTO ECONÔMICO E POLÍTICO DA PANDEMIA DE COVID-19 NA CADEIA GLOBAL DE VALOR: UMA ANÁLISE SOBRE A CHINA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado por discentes do último semestre da graduação em Relações Internacionais, da Universidade Anhembi Morumbi como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel.

Orientador: Professora Kelly da Rocha Gomes

São Paulo
2022

O IMPACTO ECONÔMICO E POLÍTICO DA PANDEMIA DE COVID-19 NA CADEIA GLOBAL DE VALOR: UMA ANÁLISE SOBRE A CHINA

SERAFINI, Bruno; GUSMÃO, Daniela; MATTOS, Gabriela; PEREZ, Mariana;
CABRAL, Randra.¹

Resumo: O presente trabalho apresentará o impacto econômico e político causado pela pandemia de Covid-19 na cadeia de produção de uma das maiores potências mundiais: a China. Iniciada em Wuhan, uma pequena província da China, no final do ano de 2019, a epidemia de coronavírus se disseminou pelo mundo, impactando diretamente o desempenho da economia global. O objetivo dessa análise é medir as consequências diretas da produção em relação às medidas de contenção da disseminação do vírus de maneira interna e externa.

Palavras-chave: China, Covid-19, Cadeia Global de Valor.

Abstract: This paper will present the economic and political impact caused by the Covid-19 pandemic on the value chain of one of the greatest world powers: China. Initiated in Wuhan, a small province of China, in late 2019, the coronavirus outbreak has spread around the world, directly impacting the performance of the global economy. The goal of this analysis is to measure the direct consequences of production in relation to measures to contain the spread of the virus internally and externally.

¹ Discentes do curso de Relações Internacionais da Universidade Anhembi Morumbi

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	4
2. A CHINA	5
2.1 Socialismo de Mercado Chinês	6
2.2 Século XXI: Governança da China no cenário internacional	11
3. A ESTRUTURA DAS CADEIAS GLOBAIS DE VALOR	15
3.1 A importância da China nas Cadeias Globais de Valor	16
4. OS IMPACTOS DA PANDEMIA NA CHINA	19
4.1 Políticas chinesas para contenção do vírus	19
4.2 Dimensão Econômica	22
5. CONCLUSÃO	28
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	30

INTRODUÇÃO

Cada vez mais ativa internacionalmente, se envolvendo e atuando em organismos multilaterais e estreitando sua relação com os países de forma diplomática, a China firma seu papel econômico no cenário internacional, uma vez que identifica que só é possível aplicar seu modelo de socialismo chinês a partir da 'junção' das práticas capitalistas e socialistas.

Tal modelo e ascensão econômica chinesa busca cada vez mais espaço no sistema internacional, frente à disputa pelo seu lugar de protagonismo dentro do mesmo - sendo fortemente impactado pelos efeitos da pandemia do Covid-19 no início de 2020.

O impacto da pandemia do COVID-19 foi escolhido por se tratar de um caso extraordinário, que pode servir como modelo de teorização prática dos efeitos epidêmicos em uma das maiores economias do mundo. Tais consequências serão medidas por meio de: índices de desenvolvimento humano, PIB, ciclos de investimento, enquanto paralelamente relaciona os efeitos na cadeia de valor da China.

O objetivo do trabalho é dimensionar os efeitos da pandemia no modelo econômico chinês e verificar quais foram as oportunidades, as ameaças, suas perdas e ganhos. Ademais, esse artigo visa contribuir para a bibliografia do que foi a pandemia do COVID-19 para o país.

2. A CHINA

O Estado socialista chinês surgiu em 1949 após a revolução comunista que aconteceu no país, mas já carregava em si indícios de mudanças desde a fundação do Partido Comunista Chinês (PCCh) em 1929.

Para entender a motivação para a fundação do partido e instauração do modelo socialista no país, é necessário contextualizar que os cem anos que antecederam a data foram bastante turbulentos para o, até então, império chinês.

O avanço imperialista ocidental que aconteceu ao longo do século XIX expôs a fragilidade militar e econômica do país, obrigando a China a aceitar tratados injustos, perda de parte do seu território e demasiadas inserções capitalistas na região, que geraram insatisfações e revoltas na população, desde a I Guerra do Ópio (1839) até a I Revolução Chinesa (1911), que pôs fim a dinastia Qing e o estabeleceu República da China (CARVALHO, 2013).

Porém, foi apenas nas últimas décadas do século XX que o país iniciou seu processo de desenvolvimento e modernização na estruturação do Estado chinês, com reformas agrárias, a abertura do mercado e políticas de avanço industrial e tecnológico. Esse processo foi implementado por Deng Xiaoping (1978-1992), e denominado 'economia de mercado socialista', mas popularmente chamado de Socialismo de Mercado. Sendo assim:

“Esta forma-Estado que me dedico a olhar aqui emerge, nos anos 1980, em paralelo com a hegemonia do padrão monetário do dólar flexível, com a financeirização do restante do mundo, e com o surgimento das cadeias globais de valor, inicialmente comandadas por empresas estadunidenses, europeias e japonesas.” (NOGUEIRA, Isabela, 2021, p.7)

Esse modelo econômico é compreendido pela detenção de grande parte dos meios de produção pelo próprio Estado e cooperativas ligadas a ele. Assim, permitindo ação fortemente regulada das propriedades privadas dentro do país. Deng Xiaoping teve como objetivo incentivar o crescimento e desenvolvimento da China, de modo a alterar o status de economia subdesenvolvida até aquele período.

Tal potencial de desenvolvimento e crescimento, muito ligado à sua infraestrutura, combinada com os fatores de educação e tecnologia, fizeram o país

partir de um relativo grau de atraso, anterior à década de 1980, para uma economia de destaque no sistema internacional.

2.1 – Socialismo de Mercado Chinês

O rearranjo da estrutura de governo da China ocorreu, segundo Silva (2020), após o fracasso dos movimentos revolucionários, como o Grande Salto à Frente (1953-1957) e a Revolução Cultural (1966-1976), liderada por Mao Tsé-Tung, que buscava eliminar qualquer interferência capitalista no país e fortalecer os ideais comunistas, não apenas no setor econômico, mas também social e cultural da população, naquele período.

Foi após a morte de Mao e a queda do poder de seu sucessor, Hua Guofeng que Deng, líder do Partido Comunista, ascendeu ao poder e instaurou suas políticas de reforma e abertura do mercado chinês, de modo a tomar para si a promoção da liderança econômica.

Deng retornou ao Partido Comunista Chinês em 1977, após ter sido afastado e preso em 1967, durante o governo de Mao Tsé Tung (1949-1976), sob acusação de defender o capitalismo. Porém, foi apenas em dezembro de 1978, no 11º Congresso do Comitê Central do Partido Comunista da China, que ele firmou liderança no PCCh. Nesse evento, Deng apresentou metas prioritárias a serem seguidas pelo partido e, conseqüentemente, pelo Estado da China, através do plano de Reforma e Abertura, onde projetou, ainda em 1977, as Quatro Modernizações – agricultura, indústria, ciência e tecnologia e segurança. No ano de 1985, Deng Xiaoping declarou:

Nós devemos aprender com os povos dos países capitalistas. Devemos fazer uso da ciência e da tecnologia que eles desenvolveram, e dos seus conhecimentos e experiência acumulada que podem ser adaptados ao nosso uso. Uma vez que iremos importar tecnologia avançada e outras coisas para nós úteis dos Países capitalistas — de modo seletivo e planejado — não iremos nunca aprender nem importaremos o sistema capitalista (XIAOPING Apud BERTOZZI, 2015, p. 50).

O processo de reforma e de abertura do mercado chinês no ramo da agricultura se estabeleceu, segundo Nogueira (2021), em três fases: a primeira, já em 1978 teve como objetivo a regulamentação e descentralização da terra, delimitando aos camponeses pequenos lotes de terras para cultivo sob a política de Sistema de Responsabilidade Familiar.

A segunda fase consiste na regulamentação dos preços dos produtos agrícolas estabelecidos pelo governo, onde o próprio Estado realiza a compra dos grãos por um alto valor, aumentando a renda da população rural.

Já na terceira fase, se inicia o fomento à industrialização rural pelas *Town-Village Enterprises* (TVEs – empresas coletivas de vilas e municípios). Essa promoção se deu pela facilitação de liberação de crédito para esses produtores que se especializaram, inicialmente, na produção de bens para a população rural em ascensão e, posteriormente, passou a fornecer até mesmo insumos para a indústria exportadora.

As reformas obtidas no setor agrário criaram um cenário de pré-condição para a estrutura produtiva chinesa. Para o setor industrial, Deng introduz a Reorientação da Estratégia de Desenvolvimento.

Porém devemos considerar que tal setor já vinha ganhando atenção no governo anterior, de Mao Tse-Tung, - pois a industrialização chinesa teve encetamento para se desenvolver baseada nas reformas realizadas pelo mesmo; - destacando-se a quebra do imobilismo tradicional.²

A ruptura com o passado deve ser analisada como um objetivo perseguido por Mao Tsé-Tung durante todo seu governo. Para Mao o ímpeto revolucionário deveria ser permanente, ou seja, uma revolução deveria suceder a outra com objetivo último de construir uma sociedade verdadeiramente desenvolvida e igualitária (NABUCO, 2009, p. 4)

Outra reforma adotada é a formação da indústria pesada, fator fundamental para que ocorresse um processo amplo de industrialização na China, uma vez que garante os bens básicos para a formação das indústrias de bens de consumo

² Uma vez que o povo chinês era dividido em clãs, o que os mantinha social e economicamente afastados uns dos outros e sem integração política/econômica, gerando assim a necessidade da construção de uma sociedade sem barreiras e mais igualitária, segundo ele somente assim seria possível acontecer o processo de industrialização (LEÃO, 2010).

(Oliveira, 2005). Assim, a indústria consegue ganhar força e avançar em diversos setores, garantindo produtividade e eficiência no processo produtivo. Na formação da indústria pesada, Mao visa garantir uma rápida industrialização e que esta seja homogênea no território chinês, a fim de desenvolver inclusive as áreas mais interioranas do país, uma vez que as indústrias se concentravam principalmente na parte da costa, no litoral da China. Esse processo permitiu dinamizar a economia chinesa - o PIB real entre 1952-1978 cresceu a uma média de 4,7% ao ano (Maddison e Wu, 2007).

Também no governo de Mao, algo que impulsionou a industrialização foi o aumento da produção de insumos agrícolas e aumento da área irrigada, uma vez que crescia a necessidade de atender à crescente demanda das unidades familiares camponesas - ampliando sua produtividade.

Tais reformas e medidas apresentadas acima foram fundamentais para que houvesse um processo de industrialização, muito desenvolvido no governo de Mao Tsé-Tung, de 1949 a 1976.

Voltando a Deng Xiaoping, no que tange o desenvolvimento da nação, agiu introduzindo a Reorientação da Estratégia de Desenvolvimento - ao qual gradualmente promoveu abertura econômica, baseado em medidas de abertura ao investimento estrangeiro e ao capital privado, fim da coletivização da área rural, estímulo à venda dos excedentes rurais produzidos pelas famílias - promovendo aumento da riqueza rural e estímulos à indústria de bens de consumo - uma vez que o aumento das exportações do país afeta positivamente a economia do mesmo e permite que haja mais investimentos dentro dele - assim seria possível comprar máquinas para o setor industrial, investir em tecnologia e equipamentos.

Na área de ciência e tecnologia, promoveu a criação de centros de excelência, estimulando pesquisas e aumentando a mão de obra qualificada no país (NABUCO, 1997).

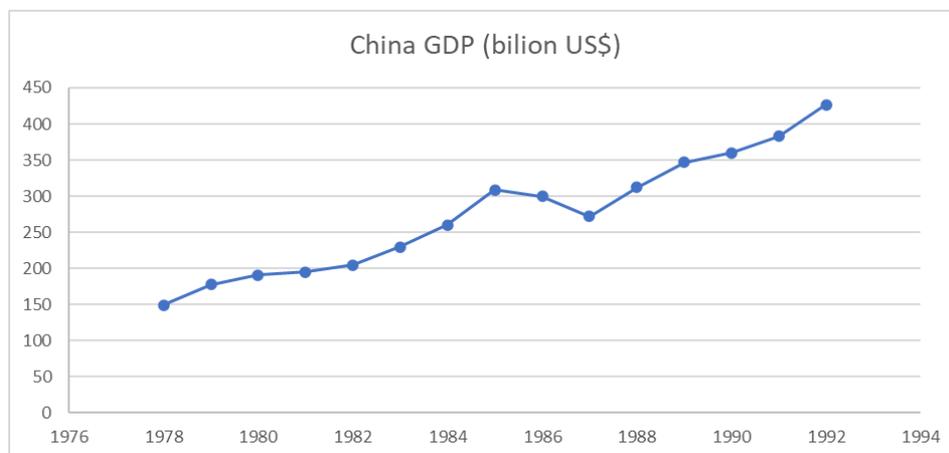
Outro ponto que contribuiu para o crescimento econômico chinês, segundo Cardoso Jr. (2009) foi a criação das Zonas Econômicas Especiais ou ZEE - regiões localizadas próximo a costa do país, beneficiada pela localização dos portos, que contam com legislação mais flexível e redução de impostos em relação às trocas

comerciais dos países com a China, com a finalidade de atrair investimentos estrangeiros, desenvolver tecnologias dos países avançados e atrair técnicas modernas de gestão.

“É bem verdade, contudo, que há evidências de que o processo de modernização chinês tem limitações internas e externas (Zheng Bijian, 2005 e 2006). Há o temor de o crescimento chinês aprofundar problemas globais de sustentabilidade ambiental, de pressão altista sobre preços de *commodities*, e baixista sobre os salários dos países industrializados e de emergentes com estruturas produtivas mais complexas. Para garantir o suprimento de insumos estratégicos, a China vem implementando uma política externa cada vez mais ativa, criando fontes potenciais de tensão com as potências já estabelecidas (Shirk, 2007; Kurlantzick, 2007). A escassez potencial de energia, matérias-primas para a produção industrial e alimentos estaria no centro das preocupações do governo chinês e influenciando sua política externa.” (CARDOSO JR., 2009, cap.9, p. 371 e 372)

Os fatores acima mencionados foram essenciais para que houvesse um salto econômico no governo de Xiaoping, conforme apresentado no gráfico 1.

Gráfico 1: Soma da produção econômica total da China em dólares - Governo Deng Xiaoping (1978 - 1992)



Fonte: The World Bank.

Apesar da adoção de reformas no sentido de abertura da economia chinesa, o Estado mantinha o controle central sobre ela, promovendo condições atrativas para entrada de capital e investimento externo. Em razão dessa intervenção e

condução do governo chinês sobre a economia do país, pode-se dizer que a China adotou o modelo de socialismo de mercado. Tal modelo substituiu o socialismo soviético a partir de 1978 com a subida de Xiaoping ao poder - levando o país a ser uma das maiores economias mundiais.

Na década de 1980 as relações comerciais dentro do sistema internacional estava muito aquecida - favorecendo, inclusive, os países asiáticos, os quais forneciam grande quantidade de mão de obra barata e, conseqüentemente, produtos de baixo valor agregado - fato que atraiu interesse do mundo todo, principalmente EUA e Europa.

No conjunto de ações tomadas ao longo do governo Xiaoping a China passa a assumir papel importante no cenário internacional e garantir participação significativa dentro do sistema global. Como resultado de seu desempenho, o país iniciou o novo século já tornando-se membro da Organização Mundial do Comércio (OMC) em 2001 (CARVALHO, 2013).

Outro ator fundamental na manutenção do socialismo de mercado, e na evolução da China como grande potência no sistema internacional foi Xi Jinping, líder do governo chinês desde 2012 até os dias atuais.

Xi Jinping foi eleito secretário-geral do PCCh, após a renúncia do líder anterior Hu Jintao. Essa nova fase se definiu pela instituição de ideais de reestruturação do sistema socialista de características chinesas (ARAÚJO, BRANDÃO e DIEGUES, 2018).

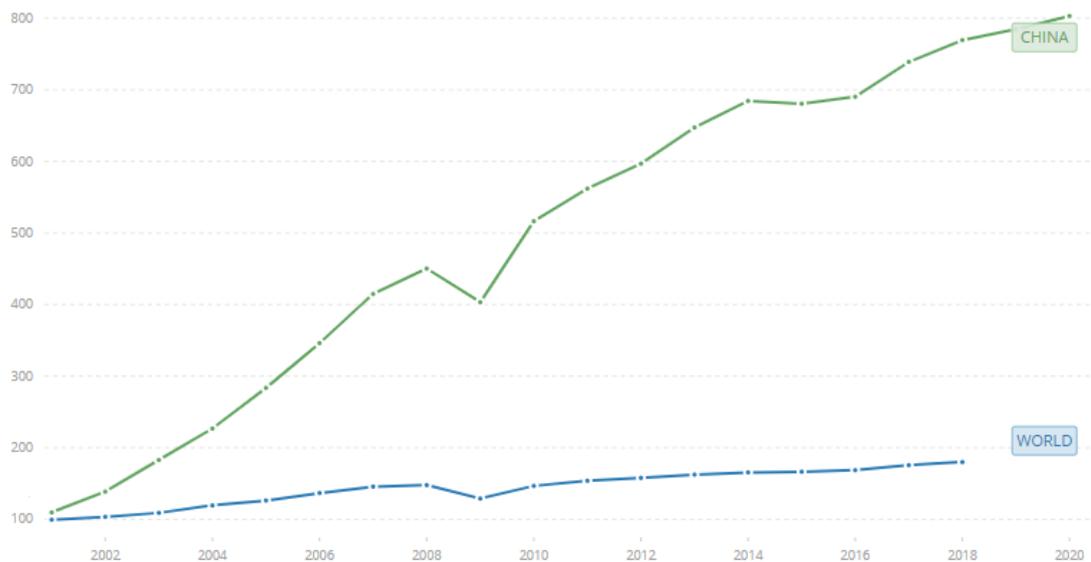
Ao assumir o comando da China, Xi Jinping promove diversas transformações no país a fim de trazer prosperidade e poder ao Estado. Para isso, traçou metas e objetivos de desenvolvimento, chamados de “Meta para os Dois Centenários”, as quais objetivavam a duplicação do PIB chinês de 2010, que foi alcançado em 2017 (WORLD BANK, 2021). Além disso, estipulava que até 2049 o país se tornasse “rico, desenvolvido e poderoso” (ALLISON, 2017).

Para que tais objetivos de crescimento pudessem ser atingidos, a China foca em 4 principais fatores, sendo eles economia, área militar, desenvolvimento tecnológico (visando transformar o país em um dos mais tecnológicos e inovadores até 2030) e relações diplomáticas.

2.2 - Século XXI: A Governança da China no Cenário Internacional

Em 2001 a China começa a fazer parte na Organização Mundial do Comércio, firmando ainda mais sua posição dentro do Sistema Internacional e fortalecendo suas relações internacionais - expandindo suas importações. Como pode ser visto no Gráfico 2.

Gráfico 2: Índice de volume de exportação (2000 = 100) - China vs. Mundo (2001 a 2020)



Fonte: The World Bank.

A expansão das exportações é um grande indicador de mudanças no cenário chinês e mostra como a China está disposta a se firmar no cenário internacional e desenvolver relações com outros países para defender seus interesses nacionais, crescer economicamente e firmar cada vez mais seu papel e protagonismo no cenário internacional.

Após sua entrada na OMC, a China se adaptou e se aproximou cada vez mais aos parâmetros econômicos do mercado, e garantiu maior participação no cenário comercial internacional, se destacando cada vez mais como um país em desenvolvimento e ascensão, principalmente ocupando um papel de líder regional na Ásia (CARVALHO, 2013).

Cardoso Jr.(2009) pontuou que mesmo com as dificuldades enfrentadas nas etapas de seu desenvolvimento, a China visou ampliar sua representação no cenário internacional, principalmente no que diz respeito à abertura do mercado, mas não somente, incluindo também a participação de grandes companhias chinesas em outros países, como por exemplo Huawei, TCL, Lenovo, Sinopec, CNOOC, China State Construction Engineering Corporation.

“Estimativas do Fundo Monetário Internacional (FMI, 2007) sugerem que, desde 2002, o crescimento chinês responde por, no mínimo, um quarto da expansão da economia mundial. As relações, cada vez mais estreitas, entre EUA e China, tanto no plano comercial, quanto no financeiro, autorizam a suposição de que há, de fato, um complexo econômico sino-americano.” (CARDOSO JR., 2009, cap.9, p. 369)

Já no governo Xi Jinping, a China reconhece o socialismo que vinha exercendo nos governos anteriores e adquire um pensamento de inovação atrelado ao mesmo, no 19º Congresso Nacional do Partido Comunista Chinês, Xi declara que “ o socialismo com características chinesas já entrou numa nova era (LINS, 2021).

Economicamente, já muito presente no âmbito internacional por conta do desenvolvimento do setor industrial, abertura ao capital estrangeiro, exportações e trocas comerciais, a China eleva seu poder no sistema internacional. Iniciativas como o Cinturão e Nova Rota da Seda (2013) e o AIIB, Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura (2015), projetam ainda mais o desenvolvimento econômico chinês perante as relações internacionais (MORGADINHO, 2021).

Ao que tange questões de poder, a China vê o setor militar como grande articulador internacional, através do fortalecimento das forças armadas para promover defesa e segurança nacional, influência regional, e atender interesses internos. Já a tecnologia ganha centralidade no governo chinês, pois também pode servir como um termômetro de poder e desenvolvimento - assim como vimos da disputa do 5G, onde a China mostra sua grande capacidade tecnológica (PIRES, 2021).

Nas relações internacionais, o governo Xi Jinping vê oportunidade, através da diplomacia, de agir de acordo com seus interesses no cenário global de maneira pacífica e de colaboração com os outros, onde haja benefício mútuo.

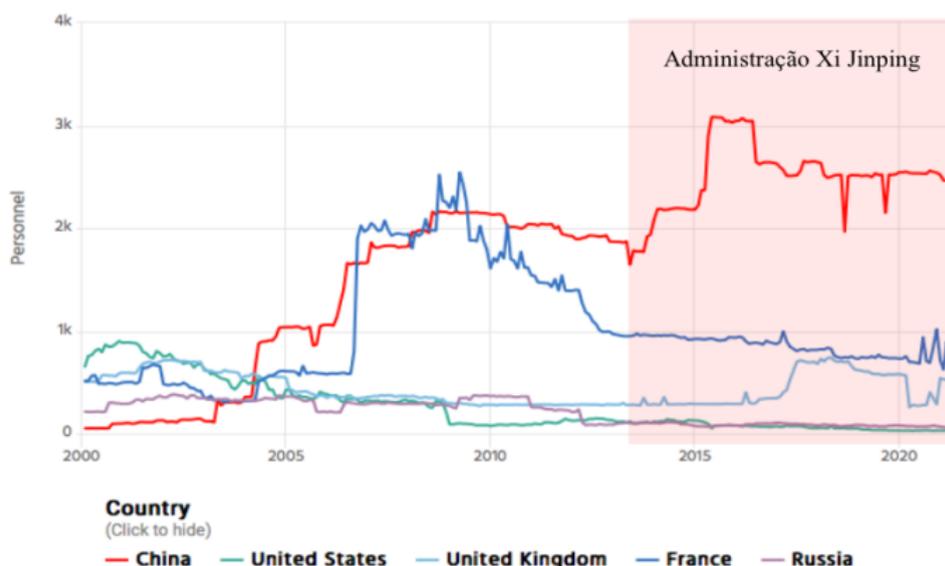
Devemos continuar promovendo a cooperação baseada nos benefícios compartilhados e impulsionando a criação de um novo modelo de relações internacionais tendo a cooperação de benefícios mútuos como núcleo, levar adiante a estratégia de abertura com benefícios mútuos e aplicar o modelo ganha-ganha em todos os âmbitos da nossa cooperação com o exterior como, por exemplo, na cooperação política, econômica, cultural e de segurança. (JINPING, 2019, p.545)

Mesmo que de maneira pacífica, ao contrário do discurso de Deng Xiaoping que visava manter sua participação de maneira comedida em temas globais, sob a estratégia de *Keep a Low Profile*, de “manter um perfil discreto, estar disposto a cooperar e encontrar o tempo necessário para resolver os desafios internos do país” (Lanteigne, 2020, p.88), Xi Jinping buscava atuar na política externa da China de modo mais ativo e participativo na política externa.

O líder chinês viu na Organização das Nações Unidas (ONU) a chance de operar de modo efetivo nas decisões de política externa, ocupando cargos de liderança em diversas instituições ligadas à ONU, como a OMC e a Organização Mundial da Saúde, entre outras (HEIERMANN, 2022).

Heiermann (2022) elucida que além de liderar algumas cadeiras dentro do sistema ONU, o governo chinês contribuiu monetariamente de maneira bastante significativa para as Operações de Paz da ONU, com destaque para os últimos anos, administrados por Xi Jinping, principalmente em relação às outras potências que também se destacam pelo capital que disponibilizam para a operação, como mostra o Gráfico 3 abaixo:

Gráfico 3: Contribuições para as Operações de Paz da ONU (2000-2020)



Fonte: China Power Project (2021)

Xi Jinping compreendeu que a participação do país no sistema internacional a partir da diplomacia desenvolvida dentro da ONU torna a sua representatividade perante as demais potências forte e influente quanto ao poder de tomada de decisão, pois seu alinhamento com os demais membros garante apoio para que as resoluções de questões que envolvam o país sejam favoráveis a ele em votações (HEIERMANN, 2022).

Assim, o governo Xi Jinping tem utilizado do multilateralismo e da diplomacia como ferramentas de *soft power*³ dentro do sistema ONU para garantir representatividade e efetividade nas questões internacionais que beneficiam o Estado chinês, tornando sua política externa assertiva e atrativa frente às demais potências de destaque no sistema.

“Portanto, agindo na ONU como um país defensor do multilateralismo, da agenda ambiental, da cooperação entre as nações e da globalização, a China busca incrementar seu poder brando de modo a influenciar os outros países, seja dentro do sistema onusiano ou em suas relações bilaterais e multilaterais. Deste modo, a China surge como uma alternativa atraente para a ordem mundial liderada pelos EUA. Tendo em vista que o entendimento de

³ *Soft power*, ou poder suave, é um termo cunhado por Joseph Nye (1990, 2004), que descreve uma forma de alcançar resultados por meio da atração. Isso é contrastado com a coerção, denominada por Nye como *hard power* ou poder duro. (HEIERMANN, 2020)

soft power chinês diferencia-se da concepção originalmente formulada por Joseph Nye (MIRZA et al, 2020; HEIERMANN, 2020), o país busca ser atrativo baseado em valores considerados universais. Tais valores são estreitamente ligados às ideias de Confúcio como a cooperação ganha-ganha, harmonia, igualdade e reciprocidade, bem como aos Princípios de Coexistência Pacífica.” (HEIERMANN, 2020, p.13).

3. A ESTRUTURA DAS CADEIAS GLOBAIS DE VALOR

A participação de uma economia nas cadeias globais de valor (GVCs) pode ser medida a partir do valor agregado adicionado - tecnologia - em produtos ou serviços que posteriormente serão exportados (GEREFFI, 2013). Se um país oferece insumos para outras economias (*upstream*) logo, avança de participação nas Cadeias Globais de Valor; Se o país necessita de muitos insumos vindos de outras economias (*downstream*), há uma participação retrógrada nas Cadeias Globais de valor (BLACK, 2021).

A abordagem das Cadeias Globais de Valor, segundo Gereffi (2011) possibilita uma análise mais detalhada e focada na organização, coordenação, governança e dinâmicas de poder da indústria dentro de uma cadeia de produção.

As Cadeias Globais de Valor são formadas por estruturas hierárquicas e assimétricas, e a partir dessa determinação, podemos identificar duas características específicas no seu funcionamento (GEREFFI; HUMPHREY; STURGEON, 2005). A primeira, *Governance*, está relacionada com o poder que a empresa líder da cadeia detém. Gereffi (2011) define esse poder como:

“The ability of a firm or an organization to make or shape strategic decisions that affect the configuration and direction of the value chain and thus influence and control other firms in the chain.” (GEREFFI, 2011, p.40).

Ainda de acordo com Gereffi; Humphrey; Sturgeon (2005) foram observados dois padrões de *Governance*: *Producer-driven*, cadeias onde o poder é de empresas de manufatura, que possuem superioridade tecnológica; e *Buyer-driven*, cadeias lideradas por empresas que possuem poder de comercialização devido suas marcas.

No que se refere a segunda característica, está o *Upgrading*, relacionada a possibilidade de mobilidade dentro de uma cadeia, possível a partir da produção com maior valor agregado e tecnologia, alcançado por meio de capacitação de mão de obra, pesquisa e desenvolvimento (GEREFFI; HUMPHREY; STURGEON, 2005).

Desse modo, as cadeias globais de valor são caracterizadas pela globalização de indústria e fragmentação da produção em nível global; com foco na agregação de valor, as multinacionais passam a subcontratar *-outsourcing-* as atividades que agregam menos valor, para focar em inovação. (FLEURY e FLEURY, 2020)

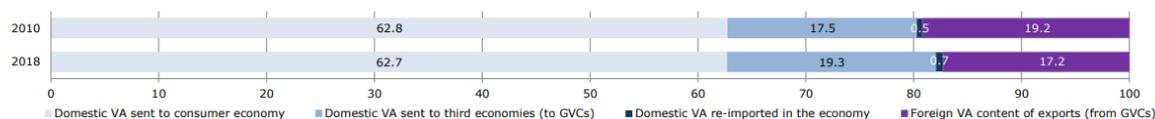
Nesse contexto da subcontratação as empresas justificam tais ações pela busca na eficiência de custos (FLEURY e FLEURY, 2020). E, desse modo, permite que se considere a China como um grande atrativo para as empresas multinacionais, devido ao baixo custo de mão de obra que também possui certa qualidade; da desvalorização do câmbio e assinatura de diversos acordos de livre comércio (GUIMARÃES, 2012).

3.1 - A importância da China nas Cadeias Globais de Valor

A China recebe o título de indústria do mundo, pelos volumes de produtos manufaturados intermediários, exportados para todas as regiões do sistema internacional. Devido a esse grande fluxo de importações e exportações chinesas, é importante observarmos a real importância do país para os suprimentos das cadeias de produção e a contribuição para o produto final.

A participação da China nas GVCs no período de 2010 a 2018 aumentou (gráfico 4), a partir da diminuição de 2% da presença de conteúdo estrangeiro nos bens exportados pelo país, somado ao aumento de 1,8% no conteúdo de valor agregado de origem doméstica, utilizado na produção de intermediários que posteriormente serão exportados para outras economias e são considerados essenciais para a etapa de produção/serviços de menor valor agregado da GVC.

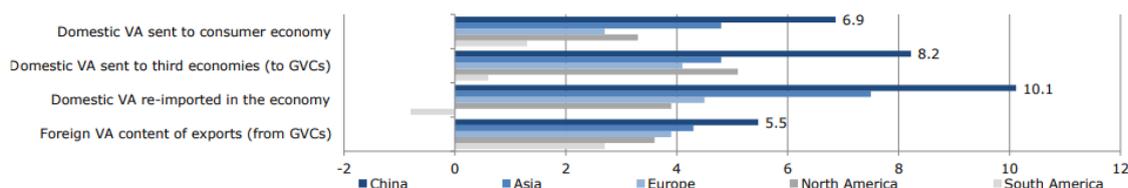
Gráfico 4: Valor agregado (VA) em exportações brutas 2010 e 2018 (% no total de exportações)



Fonte: World Trade Organization, 2022.

Ademais, também podemos observar essa evolução no gráfico 5, em que o conteúdo de valor agregado doméstico chinês exportado para *third economies* - produtores que necessitam de insumos intermediários para continuidade da produção - foi superior aos continentes Asiático, Europeu e Americano, com 8.2% de crescimento.

Gráfico 5: Evolução do Valor Agregado em exportações Brutas, 2010-2018 (% de evolução anual)



Fonte: World Trade Organization, 2022.

Países como Vietnã, Coreia do Sul, Japão, México, Malásia, Tailândia, Estados Unidos, Taiwan, Índia e Canadá (QIN; LIU; ZHOU, 2020); considerados como *downstream* foram os mais impactados pela contração da atividade industrial chinesa, ocasionada pela pandemia do COVID19. É importante analisarmos que os países mencionados possuem fortes parcerias comerciais com a China, especialmente de importação de insumos chineses (tabela 1).

Tabela 1: Top 5 países que mais importaram produtos chineses entre 2016 e 2020

Market	Trade (US\$ Mil)	Partner share(%)
① United States	452,493	17.48
① Hong Kong, China	271,708	10.49
① Japan	142,597	5.51
① Vietnam	113,815	4.40
① Korea, Rep.	112,476	4.34

Fonte: World Trade Integrated Solution (WITS), 2020.

Além dos países, os setores da indústria que dependem de importação dos insumos intermediários chineses, também tiveram vários impactos econômicos gerados pela diminuição da oferta de componentes essenciais para a continuidade da cadeia de produção (QIN; LIU; ZHOU, 2020). Podemos observar na tabela 2 as perdas antecipadas desses setores.

Tabela 2: Perdas antecipadas por setor de indústria em milhões de dólares americanos.

Downstream industry sectors	Anticipated losses
electronic and optical equipment	6078.03
textiles	2852.07
machinery and equipment	1677.87
wholesale trade	1062.96
other transport equipment	1019.7
rubber and plastics products	778.68
other nonmetallic mineral products	661.26
basic metals and metal products	565.47
motor vehicles, trailers, and semi-trailers	318.6
chemicals and nonmetallic products	281.19

Fonte: QIN; LIU; ZHOU, 2020.

Com a análise dos indicadores se torna clara a necessidade dos manufaturados do país para a continuação da produção das cadeias até o produto final. Assim, qualquer evento que desestabilize a produção do país, afeta a cadeia de produção completa.

O exemplo mais atual que temos é o da pandemia de Covid-19, que pela necessidade de distanciamento e as políticas de *lockdown* utilizadas pela China, impactaram a indústria e componentes essenciais para a produção que começaram

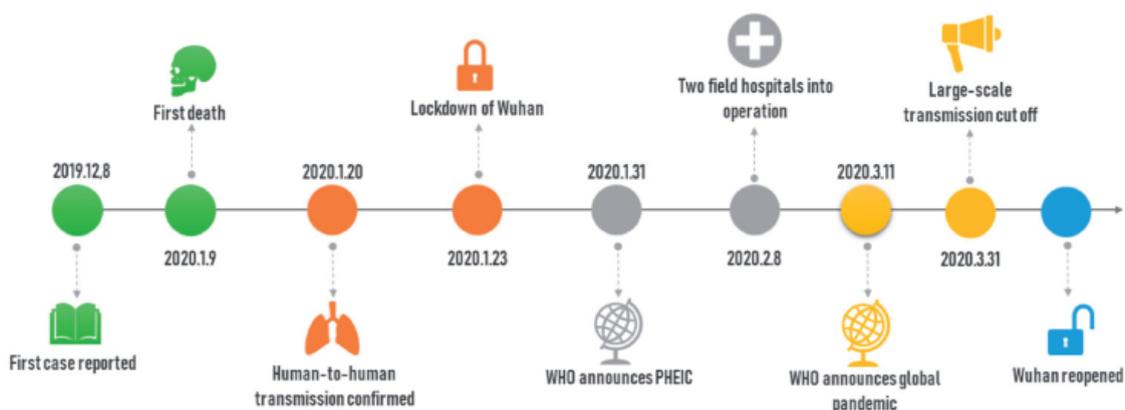
a ficar escassos, como por foi o caso da crise de semicondutores⁴, que afetou a indústria de montagem de notebooks, celulares, automóveis e etc.

4. OS IMPACTOS DA PANDEMIA NA CHINA

4.1 - Políticas Chinesas para contenção do vírus

Sem a intervenção do ágil do governo chinês a pandemia poderia ter afetado de forma acentuada o país, como nos casos do Brasil e EUA que seus respectivos líderes falharam em conduzir adequadamente políticas de *lockdown* consequentemente viram aumentar os casos de COVID-19 pelo território e fragilizando o desenvolvimento do país.

Infográfico: Início do vírus SARS-CoV-2

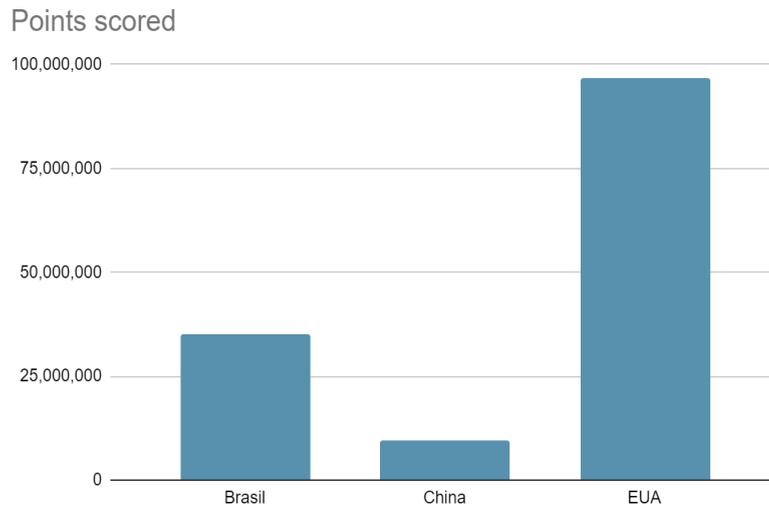


Fonte: Domínio público (2020)

Um dos dados mais expressivos que comprovam o sucesso do governo chinês em lidar com a disseminação do vírus são os índices de contágio e mortes em comparação com os EUA e o Brasil, principalmente considerando a população da China, 6 vezes maior que os respectivos com 1.415 bilhão de habitantes.

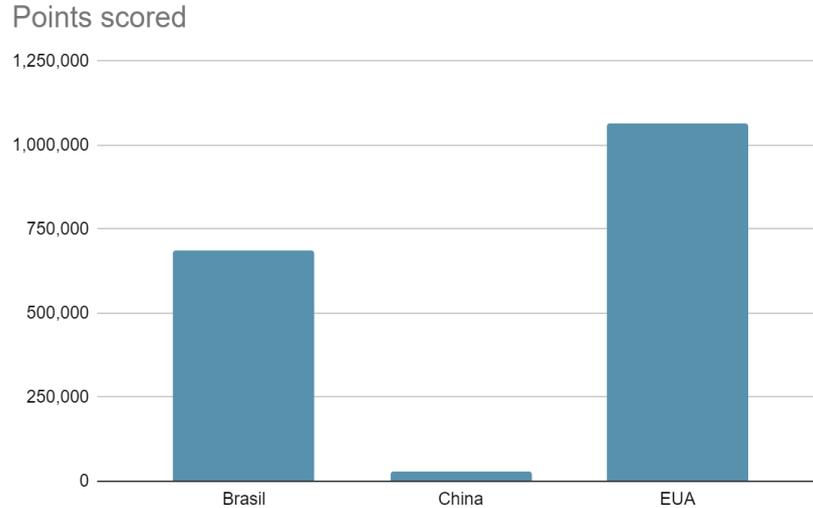
⁴ Essa indústria foi tão impactada devido a dependência do mundo todo da exportação de semicondutores produzidos pela China e Taiwan, que são os países responsáveis pela produção de aproximadamente 70% de semicondutores consumidos mundialmente (VEJA, 2022).

Gráfico 6: Quantidade de casos de COVID-19 até NOV/2022



Fonte: Organização Mundial da Saúde (2022)

Gráfico 7: Quantidade de mortes por COVID-19 até NOV/2022



Fonte: Organização Mundial da Saúde (2022)

Portanto, além dos impactos expressivos na economia mundial deixados pela pandemia, consequências políticas e sociais também podem ser analisadas devido

a interdependência destas esferas. De modo que, é possível inferir que as medidas políticas chinesas foram o que determinaram a recuperação econômica do país.

Isso se deve também a centralização de poder presente na instituição política chinesa, garantindo dessa forma que os instrumentos burocráticos existentes na máquina estatal não atrasassem o processo de contenção extremamente sensível de tempo e priorizasse uma comunicação efetiva (JINGWEI HE e col, 2020.). Por exemplo, no caso de construção de hospitais e fabricação de suprimentos:

"(...) enquanto os governos de alguns países têm lutado com recursos materiais na batalha Covid-19, o governo chinês está numa posição muito mais favorável porque o enorme setor das empresas estatais (SOE) fornece uma base econômica sólida para a mobilização material. Ao contrário dos seus pares privados na economia de mercado, as empresas públicas na China estão sujeitas a restrições orçamentais relativamente suaves. O cumprimento de mandatos políticos não é menos importante do que o desempenho do mercado. Dominando as indústrias estratégicas, as grandes empresas públicas podem organizar fornecimentos maciços para a batalha anti-pandêmica, independentemente do custo. Por exemplo, os dois hospitais de campo especializados mencionados acima foram construídas por empresas estatais de construção a uma velocidade assustadora, inferior a duas semanas." (JINGWEI HE e col, 2020, p.9)

O governo chinês implementou um intenso *lockdown* na província de Hubei, onde o vírus se iniciou. Estrategicamente a contenção do vírus se deu pelas seguintes ações: monitoramento de infecções; gestão de comunidades que permitiu às autoridades limitar as entradas, as saídas e os horários nos edifícios ou blocos, identificados como zonas afetadas, com um grau com de precisão – ou seja, fez controle rígido em relação ao deslocamento de pessoas; por fim, nas áreas de surtos mais recentes, testes em massa foram realizados de graça e em curto prazo de pouco tempo. (BUESA, 2020.)

Ademais, com a flexibilização do lockdown após a diminuição de casos foram mantidas ações de política sanitária e medidas de prevenção, como o controle de temperatura em áreas públicas e limite de capacidade em atividades recreativas envolvendo aglomerações; tais controles começaram a ser retomadas em julho de 2020. (BUESA, 2020.)

Finalmente, a fim de controlar casos que poderiam vir de outros territórios, a entrada de cidadãos estrangeiros no país foi restringida a partir de 28 de março de 2020. Em setembro de 2020, as fronteiras foram abertas às pessoas com autorização de residência, às pessoas com familiares na China e às pessoas com certos tipos de visto, embora continuassem a ser testados à entrada no país e passar por uma quarentena de 14 dias. (BUESA, 2020.)

Em suma, é possível afirmar que a rigidez e agilidade de ação do governo chinês em relação à pandemia foi o elemento determinante para garantir que o vírus da COVID-19 não se disseminasse de maneira tão fatal ou extensa quanto em outros países. Reduzindo o período de pandemia e retomada do desenvolvimento econômico.

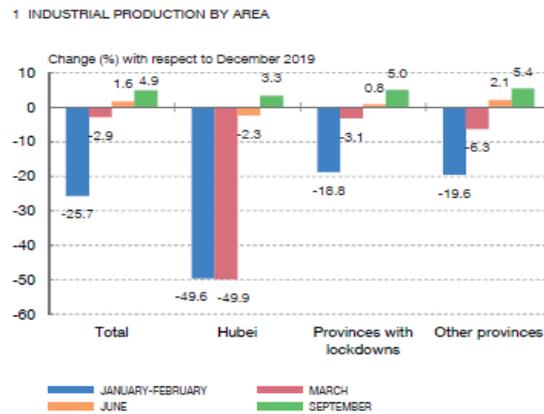
4.2 - Dimensão econômica

Devido às rápidas e agressivas ações sanitárias do governo chinês para combater a proliferação do COVID-19, diversas cidades sofreram súbitas paralisações, ainda que o *lockdown* não tenha ocorrido em todas as províncias do país, a cadeia produtiva chinesa se tornou estagnada no primeiro trimestre de 2020, acarretando grandes impactos na economia chinesa e no mundo.

Estes impactos passam a ser vistos no final de janeiro e início de fevereiro de 2020, quando a província de Hubei passa a ser isolada do resto do país até o final de março, seguida de províncias vizinhas que retomam as atividades comerciais na segunda semana de fevereiro.

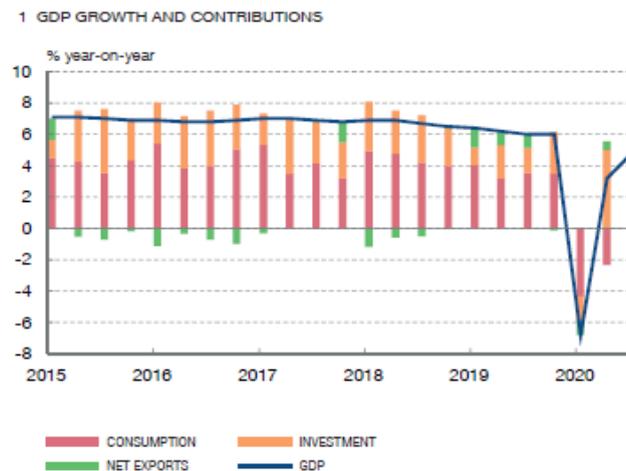
É importante salientar que apesar das medidas preventivas de *lockdown* e suas respectivas paralisações terem sido realizadas de forma heterogênea, seus impactos foram sentidos por toda a China. Conforme mostrado no gráfico 8, apesar de Hubei ter sido a província mais impactada, as outras províncias que também passaram pelo lockdown, e até mesmo províncias que não sofreram por medidas preventivas também enfrentaram reduções imensas em suas produções industriais em comparação com o mês de dezembro de 2019.

Gráfico 8: Produção industrial por setor durante o ano de 2020



Fonte: Banco de Espanha (2020)

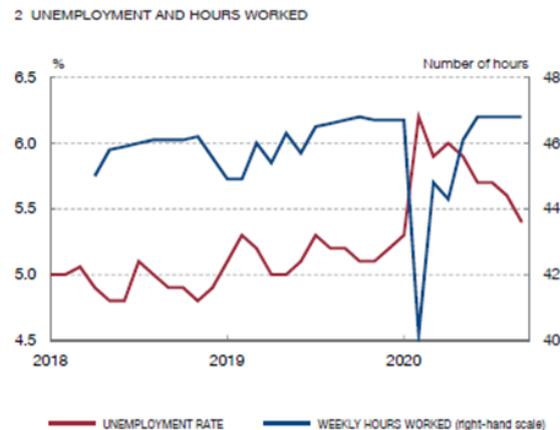
Gráfico 9: Oscilação do PIB chinês em 2020 e contribuição por setores



Fonte: Banco de Espanha (2020)

Outra consequência esperada pelas paralisações seria um elevado aumento da taxa de desemprego, contudo, nas áreas urbanas esta taxa chegou a 6,2% em fevereiro de 2020 comparado a 5,3% no último mês de 2019. O baixo aumento de desemprego, comparado à grande redução do PIB, se deve ao fato de muitas empresas terem optado pela redução de carga horária e trabalho remoto ao invés da demissão, e já em setembro de 2020 a taxa de desemprego se estabilizou e retornou aos níveis do ano anterior.

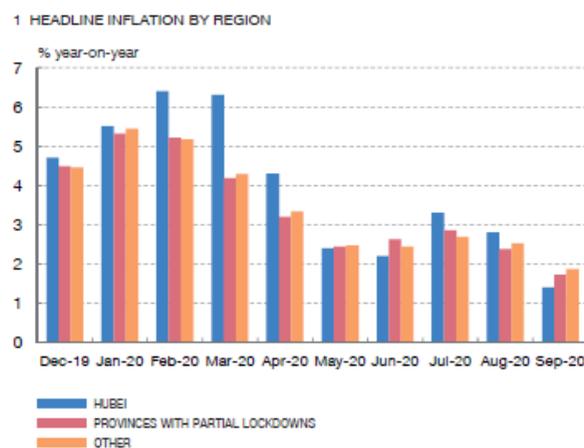
Gráfico 10: Taxa de desemprego (vinho) e horas trabalhadas (azul) em 2020



Fonte: Banco de Espanha (2020)

Com o fechamento do comércio e o receio da população diante do cenário até então desconhecido, houve um aumento da inflação por falta de demanda. Como a crise afetou as províncias em diferentes níveis, a inflação seguiu o mesmo caminho, alcançando o seu pico em Hubei durante o mês de fevereiro, e diminuindo progressivamente conforme os relaxamentos das medidas restritivas.

Gráfico 11: Taxa de inflação por províncias de dezembro de 2019 a setembro de 2020



Fonte: Banco da Espanha (2020)

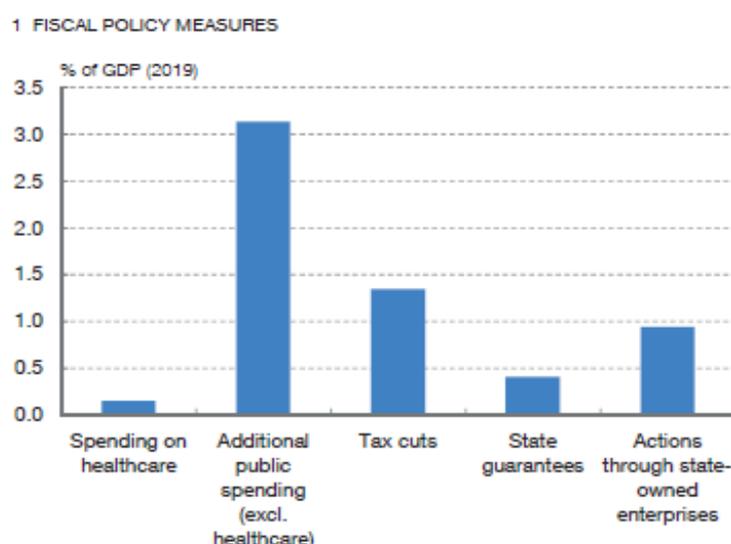
Apesar do rápido declínio econômico durante o primeiro trimestre de 2020, a China conseguiu estabilizar sua economia e cadeias produtivas durante o segundo trimestre e ainda obteve um crescimento igualmente rápido no terceiro trimestre,

alcançando números até mesmo superiores aos do período pré-pandemia. A principal razão para esta grande recuperação econômica foi, evidentemente, o relaxamento das medidas sanitárias que acarretou a volta da produção industrial, na reabertura dos comércios e o retorno de importações e exportações.

Durante o primeiro trimestre de 2020, a confiança da população no cenário financeiro era negativa, levando a baixíssimos níveis de consumo, porém, já em abril, com a economia novamente se estabilizando, o nível de confiança voltou a subir, e conseqüentemente os índices de consumo também se elevaram, em um ritmo vagaroso, porém, constante.

O governo chinês também teve grande parcela de participação nesta recuperação, agindo de forma ativa na economia por meio de estímulos e políticas fiscais, conforme mostrado no gráfico 9 os gastos públicos adicionais chegaram a quase 3% do PIB do ano anterior a pandemia, além de grandes reduções de impostos e ações realizadas através de empresas estatais. Entre esses gastos estão investimentos na área da saúde, auxílios direcionados aos desempregados, subsídios para compra e financiamento de automóveis e o corte de contas por empresas estatais como eletricidade e transporte público.

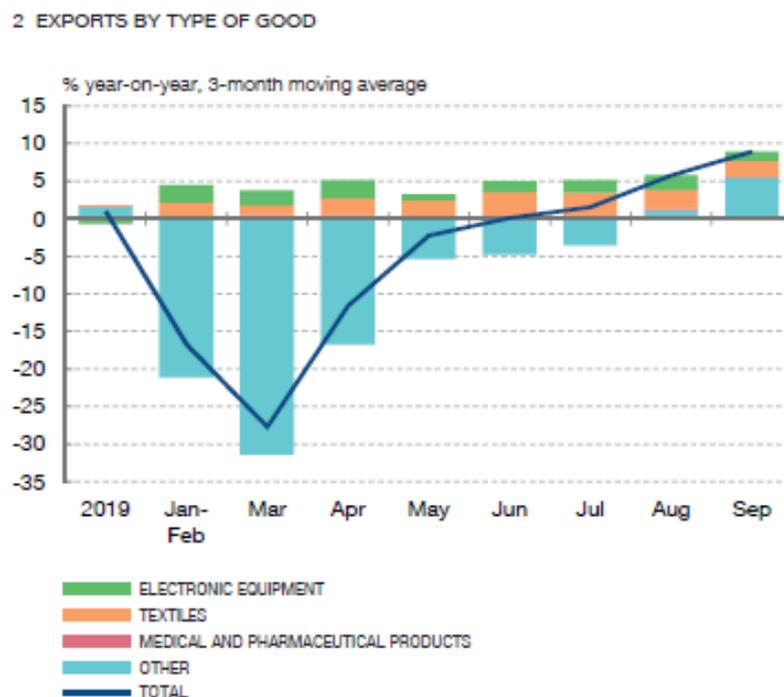
Gráfico 12: Políticas fiscais adotadas pelo governo em 2020



Fonte: Banco da Espanha (2020)

Com relação às exportações, apesar de uma brusca queda de demanda no cenário internacional no início de 2020, a China, justamente pela rápida resposta ao COVID-19 e reabertura das indústrias, foi a principal fornecedora de produtos médicos e hospitalares. Em julho de 2020 as exportações não só ultrapassaram os níveis pré-pandêmicos como certas áreas ainda viram um grande crescimento, como o setor de eletrônicos, ocasionado pela alta demanda de aparelhos para o trabalho *home office*.

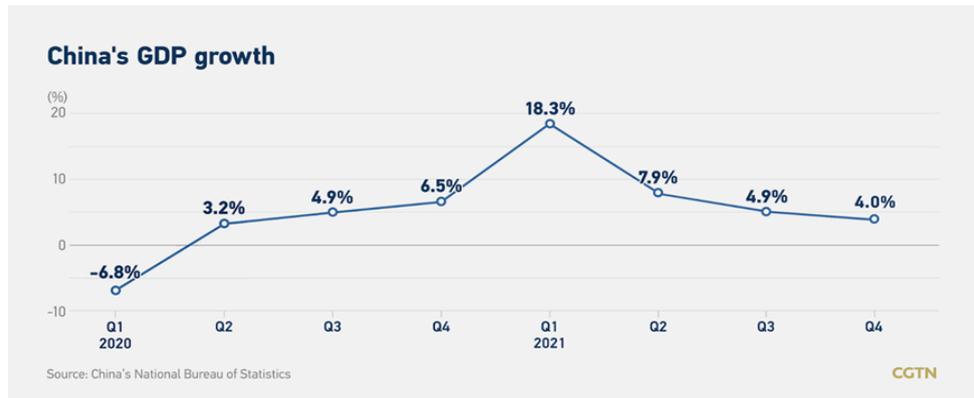
Gráfico 13: Exportações por tipos de bens em 2020



Fonte: Banco da Espanha (2020)

Analisando o ano de 2020 como um todo, observa-se que apesar do turbulento e deficitário primeiro trimestre, as ágeis medidas sanitárias somadas à rápida reabertura das indústrias e comércios e aos incentivos fiscais do governo foram suficientes não apenas para conter a crise causada pelo COVID-19, mas também para reverter o negativo cenário do início do ano e chegar, nos dois últimos trimestres, a níveis superiores àqueles vistos no período pré-pandemia. Apesar de certas alterações em determinados setores, no ano de 2020 o PIB chinês chegou a 14,69 bilhões de dólares, um surpreendente aumento em relação aos 14,28 bilhões alcançados no ano anterior. (World Bank, 2021).

Gráfico 14: Oscilação do crescimento do PIB chinês de 2020 a 2021



Fonte: China's National Bureau of Statistics, 2021

5. CONCLUSÃO

O desenvolvimento do presente trabalho buscou analisar como se comportou a China, uma das maiores potências globais, frente a pandemia de covid-19.

Para isso examinamos como se estabeleceu a política e economia do país desde o final do século XX até os dias atuais, para que pudéssemos compreender qual a relação do modelo econômico adotado pelo país com seus momentos de sucesso e declínio frente a cadeia global de valor no sistema internacional no período pandêmico.

O estudo se fez relevante para o entendimento de que forma os Estados podem lidar com cenários epidêmicos e como as ações tomadas frente a essas manifestações interferem diretamente no seu desenvolvimento e recuperação, tanto a curto quanto a longo prazo.

A ascensão da China nas últimas 4 décadas sob o governo Xi Jinping e Deng Xiaoping fizeram de um país agrário e subdesenvolvido, um dos países mais influentes no cenário internacional, mesmo com diretrizes políticas e econômicas significativamente opostas ao dos demais países do sistema global.

Foi essa estruturação e segurança econômica que colocou o país como um dos principais atores na cadeia global de valor, tornando sua participação não apenas necessária como fundamental para o funcionamento da máquina industrial global.

Além disso, a interferência do governo foi o que garantiu a recuperação econômica e política durante e após a pandemia. Principalmente em comparação a outros países, onde os números de contágio e óbitos foram significativamente mais altos do que os da China. Ademais, dados como PIB, taxas de desemprego e exportação demonstram que as políticas econômicas adotadas foram responsáveis por retornar os números para aqueles do período pré pandemia.

Em suma, esses resultados não teriam sido possíveis sem a estrutura de socialismo de mercado presente na China e a centralização de poder presente no

governo chinês que garantiu uma maior agilidade para implementar ações de combate à pandemia.

6. REFERÊNCIAS

FERREIRA, Marcos Alan S.V.; DUARTE, Marco Túlio Souto Maior. China e seus Riscos Geopolíticos pós COVID-19: Um exame a partir de cenários prospectivos. **NAVAL WAR COLLEGE JOURNAL**, v. 27, n. 2, p. 415–440, 2021.

NOGUEIRA, ISABELA. O Estado na China. **Revista Oikos**, v. 20, n. 1, p. 6–16, 2021.

JABBOUR, Elias; DANTAS, Alexis. Sobre a China e o “socialismo de mercado” como uma nova formação econômico-social. **Nova Economia**, v. 30, p. 1029–1051, 2020.

BERTOZZI, Diego; A. La Cina della riforma: un percorso storico-ideologico. In: Marx Ventuno, no 2-3, 2015.

SILVA, Marcos Aurélio da. China: socialismo de mercado, relações internacionais e questão ideológica. **Geosul**, v. 35, n. 77, p. 139–165, 2020.

SILVA, Joyce Helena Ferreira da. Reflexões sobre a política industrial e desenvolvimento na China. **Revista do Departamento de História da UFPE**, v.12, n. 12, p. 262-285, 2017

MILARÉ, Luis Felipe Lopes. Contribuições da Era Mao Tsé-Tung para a industrialização chinesa. **Rev. Econ. Contemp. UFRJ**, v.16, n. 2, p. 359-378, 2012

ARAÚJO, Caroline Giusti de; BRANDÃO, Caroline Miranda; DIEGUES, Antônio Carlos. As transformações no modelo de desenvolvimento econômico chinês: De Deng Xiaoping ao período atual. **Revista Economia Ensaios**, v. 33, n. 1, 2019.

NEVES, José Augusto Martinelli. A CHINA COMO ECONOMIA SOCIALISTA DE MERCADO: VISÕES E VERSÕES DO MODELO CHINÊS, 2021. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/10615/1/105573_Jose.pdf>.

LEÃO, R. P. F. O padrão de acumulação e o desenvolvimento econômico da China nas últimas três décadas: uma interpretação. 2010. 192 f. Dissertação de Mestrado, Pós-Graduação em Economia, Instituto de Economia da Unicamp, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

YANG, Yutong. Economic Power Comparison between United States and China in the Context of Covid-19 Pandemic: Based on Statistical Methods. **E3S Web of Conferences**, v. 233, p. 01163, 2021.

MARTINS, Fernanda Brandão; PEREIRA, Lia Cecilia Baker Fonseca Valls. O Belt and Road Initiative e a transição de modelo de desenvolvimento econômico na República Popular da China. **Oikos**, v. 18, n. 3, 2019.

MIGUEL, Priscila Laczynski de Souza; PAIVA, Ely Laureano. O rearranjo das cadeias globais de suprimentos. **GV-EXECUTIVO**, v. 19, n. 3, p. 52–55, 2020.

SIMOLA, Heli. **The impact of Covid-19 on global value chains**. Disponível em: <<http://urn.fi/URN:NBN:fi:bof-202101141046>>.

GEREFFI, Gary. Global value chains and international competition. **The Antitrust Bulletin**, v. 56, n. 1, 2011.

FLEURY, Afonso; FLEURY, Maria Tereza Leme. A reconfiguração das Cadeias Globais de Valor (global value chains) pós-pandemia. **Estudos Avançados** 34, 2020.

QIN, Meng; LIU, Xiuyan; ZHOU, Xiaoxue. COVID-19 Shock and Global Value Chains: Is There a Substitute for China?. **Emerging Markets Finance and Trade**, v. 56, n. 15, 3588-3598, 2020.

BLACK, Clarissa. Efeito-China no valor adicionado e no comércio em Cadeias Globais de Valor. **Nova Economia**, v.31, n.2. p.381-413, 2021.

CATTANEO; GEREFFI; MIROUDOT; TAGLIONI. Joining, Upgrading and Being Competitive in Global Value Chains: A Strategic Framework. **Policy Research Working Paper** 6406, 2013.

World Trade Organization. Trade in Value Added and Global Value Chains: China. Disponível em:
<https://www.wto.org/english/res_e/statis_e/miwi_e/countryprofiles_e.htm>.

GEREFFI, Gary; Humphrey, John; STURGEON, Timothy. The Governance of Global Value Chains. **Review of International Political Economy**, v.12, n.1, p.78-104, 2005.

GUIMARÃES, Alexandre Queiroz. A Economia Política do Modelo Econômico Chinês: O Estado, O Mercado e os Principais Desafios. **Revista de Sociologia e Política**, V. 20, n. 44, p. 103-120, 2012.

World Integrated Trade Solution. China Trade. Disponível em:
<<https://wits.worldbank.org/CountrySnapshot/en/CHN>>

SAAD, Caio. Chips provocam corrida entre nações para não mais depender da China. **VEJA**, edição n. 2772, 19 de janeiro de 2022. Disponível em:
<<https://veja.abril.com.br/mundo/chips-provocam-corrída-entre-nacoes-para-nao-mais-depender-da-china/>>

BUESA, Alejandro. China: Impact of the Pandemic and Economic Recovery. **ANALYTICAL ARTICLES Economic Bulletin**, 2020.

DHAR, Bablu Kumar. **Impact of COVID-19 on Chinese economy**. Disponível em:
<<https://ssrn.com/abstract=3597313>>.

FU, Xiaolan; ZHANG, Jing; WANG, Liming. Introduction to the special section: the impact of Covid-19 and post-pandemic recovery: China and the world economy. **Journal of Chinese Economic and Business Studies**, v. 18, n. 4, p. 311–319, 2020.

HE, Alex Jingwei; SHI, Yuda; LIU, Hongdou. Crisis governance, Chinese style: distinctive features of China's response to the Covid-19 pandemic. **Policy Design and Practice**, v. 3, n. 3, p. 242–258, 2020.

WHO COVID-19 Dashboard. Geneva: World Health Organization, 2020. Disponível em: <<https://covid19.who.int/>>

SILVA, Athos Munhoz Moreira da. A resposta da China ao desafio ocidental imperialista: A busca pela revolução nacional, 2017. Disponível em: <https://www.encontro2017.abri.org.br/resources/anais/8/1498443993_ARQUIVO_SILVA,Athos-2017-6.ENABRI-AsrespostasdaChinaaoDesafioOcidentalImperialista-BuscapelaRevolucaoNacional.pdf>

HEIERMANN, Felipe Augusto. A política externa da China sob Xi Jinping nas Nações Unidas: da passividade à proatividade nos assuntos internacionais. **Conjuntura Global**, v. 11, n. 1, 2022.

CARVALHO, Miguel Henriques. **A economia política do sistema financeiro chinês (1978-2008)**. Disponível em: <<https://www.funag.gov.br/ipri/btd/index.php/10-dissertacoes/4136-a-economia-politica-do-sistema-financeiro-chines-1978-2008>>.

DE ARAÚJO, Caroline Giusti; BRANDÃO, Caroline Miranda; DIEGUES, Antonio Carlos. **As transformações no modelo de desenvolvimento econômico chinês: De Deng Xiaoping ao período atual**. unknown. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/333769393_As_transformacoes_no_modelo_de_desenvolvimento_economico_chines_De_Deng_Xiaoping_ao_periodo_atual?enrichId=rgreq-87e7d70c3e930425ca155501c0ff8311-XXX&enrichSource=Y292ZXJQYWdlOzMzMzc2OTM5MztBUzo3NzkxMTUyMjU0MjM4NzZAMTU2Mjc2Njk1MzlwMQ%3D%3D&el=1_x_3&_esc=publicationCoverPdf>.